

Ludymylla Maria Gomes de Lucena
Universidade Federal do Pará

Corpo, cinema e improvisação

O conceito de “improvisação” se relaciona com uma possível quebra dos movimentos maquinais do nosso corpo. De fato, há uma ruptura com a motricidade ao qual estamos habituados: a nossa “zona de conforto”. Na improvisação, os movimentos costumeiros e sensório-motores que regem o nosso dia-a-dia, que nos levam ao trabalho ou a casa de um amigo, são deixados de lado em prol de movimentos que podem ser considerados “estranhos”. Movimentos esses que dialogam com o acaso, a probabilidade, a possibilidade, o espontâneo, o lúdico. O efeito que o gesto de improvisador exerce sobre nosso corpo, seja numa simples proposta experimental pedagógica num contexto escolar ou em uma proposição artística, seja dança ou teatro, dialoga com conceitos e temáticas teorizadas por Gilles Deleuze em seu segundo livro dedicado ao cinema, *Imagem-tempo* (2007). Assim como os personagens neo-realistas que vivem “para além do movimento”, vivenciando outros sentidos possíveis, o corpo improvisador, ao desmanchar hábitos cotidianos em busca de movimentos inesperados, se desautomatiza, se desterritorializa. Essa suposta impotência motora gerada pela improvisação aumenta a capacidade de ver e ouvir (mais do que agir). Ao sairmos então do encadeamento sensório-motor, mergulhamos em camadas mais profundas do real, em virtualidades, zonas do passado, ampliando assim a consciência e o autoconhecimento do nosso próprio corpo.
